

ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE: AGOSTINHO DA SILVA

Constança Marcondes Cesar

Agostinho da Silva é um dos mais representativos pensadores de Portugal contemporâneo. Sua formação inicial em filosofia clássica, no Porto, não faz dele um filósofo no sentido estrito da palavra. Várias vezes, ele mesmo asseverou não ser filósofo. Mas se entendermos a filosofia no seu sentido originário de busca da sabedoria, de compreensão global da realidade mediante o exercício do inteligir para além das aparências; se entendermos filosofia como ascese moral e regra de vida, como foi caracterizada na meditação grega — Agostinho da Silva, velho sábio que põe seu saber a serviço da *polis*, pode ser chamado de filósofo.

Sua reflexão tem raízes em diferentes vertentes: como filólogo que foi, na tradição grega, que domina, escrevendo diálogos e apólogos, de que *Diotima* é exemplo; como erudito, educador, percorreu diversos campos do saber, editando séries de textos de divulgação científica, como pensador, inspirou-se na leitura da História vigente no grupo do Porto (depois retomada por autores como Antonio Quadros) — que remonta a Joaquim de Flora e às tradições populares do culto do Espírito Santo. Foi sob a inspiração de Flora que se constituiu um projeto utópico, marcante em Portugal das navegações — assim como na Espanha — de unir o mundo sob a égide do Espírito e da cristianização.

Nesse projeto, Portugal assume o papel mítico-poético de *axis mundi*, de pólo referencial de uma nova época. A navegação, de fato, espalhou os portugueses em diferentes partes do mundo; a expansão marítima construiu um império territorial imenso.

A ruptura do império, pela independência das antigas colônias, a reconfiguração da Europa a partir da constituição da Comunidade Européia, as aceleradas mudanças político-econômicas de nossa época põem problemas novos.

Exilado de Portugal, constatando a crise política, Agostinho indaga: que é de Portugal, que é do reino do Espírito? A fundação do mundo não pode mais residir num domínio territorial ou político; mas a meditação de Flora, as tradições do culto do Espírito Santo, a esperança de um mundo novo, permanecem.

Se o Império não é a terra, mas se espelha na terra, como construí-lo? Como chegar ao mundo novo, se o atual entra em crise?

Estas perguntas parecem o fio condutor dos escritos e da atuação de Agostinho da Silva. Não estão formuladas em nenhum texto; mas todos os seus escritos, toda a sua vida, são uma resposta a essas indagações.

Portugal é, nos seus trabalhos, antes de mais nada, a *língua portuguesa* e seus valores; a pátria, para Agostinho, como para Fernando Pessoa, é a língua portuguesa.

Expulso de Portugal-território, instalou-se no Portugal-língua, acima das fronteiras imediatas. Ganhou, em primeiro lugar, o Brasil; depois, a África, a China, o Japão, a Índia.

É através da língua que Portugal constrói o reino; o reino do Espírito, que sopra através da palavra e leva Agostinho a propor, nas suas diversas cartas, a constituição de uma comunidade de língua portuguesa, e a criação de centros de cultura, nos diversos países onde Portugal floresceu. A tarefa de unificar o mundo, ele a cumpriu, lecionando e fundando centros de cultura pelo mundo afora: na Sorbonne, no Collège de France; no Centro de Estudios Historicos de Madri; no Rio de Janeiro, João Pessoa, Paraíba, Bahia, Santa Catarina, Brasília, fundando inclusive algumas dessas universidades; em Nova York, Yale, Harvard, Los Angeles e Sta. Barbara (EUA); fazendo conferências em diversos países, especialmente no Japão; dominando sete línguas, conhecendo mais dez.

Se o reino do Espírito parece mito, sonho, utopia, a atuação de Agostinho, contudo, é bem concreta: em todos os lugares por onde passou, deu vida a universidades, centros de excelência; promoveu a formação de intelectuais expressivos. Para nós, brasileiros, isso é particularmente claro: Agostinho semeou universidades, centros de estudos, dialogou com políticos e intelectuais, provocando à sua passagem, revoluções espirituais, revoluções culturais. Somente um agudo senso de história, do presente e suas oportunidades; somente uma visão clara do que deve ser o futuro, permite sonhar com tais resultados. Mais que uma fantasia ou fuga da realidade hostil, o projeto de Agostinho revela uma fé nas possibilidades criadoras do homem, e a certeza de que a ação ordenada pode mudar o mundo: “me é geral concepção a de que a rede do real só desvia da rede do pensar se não foi este de coerência perfeita” (*Fantasia portuguesa para orquestra de História e de Futuro*).

Vejamos primeiro que Portugal emerge dos seus escritos. Metáfora da vida do espírito, o Portugal concreto tem tarefas urgentes, para ser digno da grandeza passada.

O país nasce no século XII, ligado a D. Henrique e aos Templários, monges cuja tarefa era a de converter os infiéis; a D. Dinis e a Joaquin de Flora, propositores do Império do Espírito Santo, que Portugal tentará expressar, através de aventura marítima.

Portugal, no passado, unificou o mar, mostrando a unidade do mundo; nessa unificação, o encontro e a colonização do Brasil serão, para Agostinho, fundamentais: “terra de salvação”, o Brasil é o lugar onde “podem surgir as realidades utópicas” (id.). Voltaremos, adiante, à meditação sobre o papel do Brasil, como Extremo Ocidente, no seu pensamento.

No passado, “os portugueses descobriram que o mundo é um arquipélago”; hoje, sua tarefa é unificar o mundo pelo espírito, pela língua, constituindo uma Nação Portuguesa, “conjunto de homens que falam ou deviam falar português, o que implica este Portugalzinho (...) as Ilhas Atlânticas (...) ou uma Guiné, ou um Brasil, ou uma África Austral, ou uma Goa e uma Malaca, ou um Timor e um Macau, ou uma New Bedfare e uma Oakland, ou a comunidade emigrada de Paris e de Sidney, ou aqueles simples lugares, como o Guajará Mirim que visitei nas fronteiras da Bolívia, em que um português só e sozinho passeia impávido como se tivera atrás de si todas as forças do mundo” (*Nota a cinco fuscículos*).

A concepção de um mundo cristianizado, alarga-se hoje na de um mundo ecumênico, onde emerge um novo sentido do religioso, não confessional. Nessa perspectiva, a Igreja aparece como “o conjunto de todos os homens, passados, presentes e futuros, convictos que, pela ação do Espírito, orando, meditando, pregando, ou pela ascese (...) ou pela liturgia (...) podem modificar o mundo de modo a que todos os homens tenham plena liberdade, liberdade econômica, liberdade de saber, liberdade de pensar” (id.).

A religiosidade não confessional, mas aberta a todas as manifestações do sagrado, é axial nessa Nação Portuguesa; assim, é *infidel* não mais o de religião diferente, mas o que não é fiel a si mesmo. O ideal de *pobreza* é visto como expressão de desapego a bens materiais e ao poder; a *obediência* a Deus é a afirmação sem limites do universal, do *católico*, no sentido etimológico da palavra. O Portugal religioso de hoje é o que impõe uma metanóia, que faça passar “do sonho ao real, do messiânico ao histórico” (id.). Se a inspiração é em Joaquim de Flora, a concretização do reino ultrapassa a proposta do monge medieval.

Na visão religiosa do sentido do homem e do mundo, os novos mandamentos são, para Agostinho: criar beleza, servir e rezar — ideais de vida, de verdade e de pensamento, para que nossa existência seja, “no mais profundo (...) um tranquilo assumir do que acontece, graça ou desgraça (...) sem perdermos a noção do que o nosso papel deve ser (...)” (*De como os portugueses retomaram a Ilha dos Amores*).

A unificação do mundo por ele buscada não consiste na mundialização do capitalismo — “fatalidade histórica (...) de que hoje nos podemos ver livres” (id.). — nem do socialismo — “bem melhor que a iniciativa privada” (id.). Consiste na expressão crescente de homens seguros de que é possível, pela técnica, garantir vida e acesso aos bens da cultura a todos; homens abertos ao amor e à ação.

Nesse mundo novo, a língua portuguesa é “o veículo, a língua litúrgica de uma nova crença, a de que Deus só existe quando todos os seres estão essencialmente unidos (...) [nela] ateu é aquele que não crê (...) *não vive* que todos os homens sejam um só e defende sistemas econômicos, políticos ou educacionais que são contrários a essa unidade...” (*Beira — Moçambique — Clássicos do mundo português*).

Esse Portugal metafórico, que se refere à aproximação entre os homens e à fusão entre o humano e o divino, remete à transcendência em direção ao Uno primordial (*Ecúmena, passim*): “foi o espírito quem me trouxe o Cristo e quem

a outros trouxe Buda, Maomé e Lao-Tsé; (...) é o Espírito quem torna todas as religiões aceitáveis (...) e não precisam os outros povos de outra catequese senão desta, a de que existe um Espírito (...)" (*Ecúmena*).

Tal religião sem dogmas, aponta para a síntese entre eternidade e tempo, afirmando que "o sonho vale mais que a realidade (...) que o contemplar sobrepuja o agir" (id.), que a propriedade privada pode ser abolida, e que a *automação* nos trará a paz, libertando-nos da escravidão da luta pela sobrevivência (id.). Antecipando, em 1964, problemas que se agudizam em nossa década, Agostinho reconhece neles um sinal da transformação profunda que se está gestando: "(...) o que vai suceder no capitalismo com a automação é que o número de desempregados vai crescer e que o tributo coletado do número de empregados não vai ser bastante para pagar o subsídio de desemprego; então só haverá uma de duas soluções: ou a tentativa de uma guerra (...) ou a revolução socialista (...) o capitalismo passará de todo (...) o que se dará depois é a luta de um ideal de não propriedade contra um ideal de propriedade coletiva; luta de um mundo do sul contra um mundo do norte (...)" (id.).

Para chegar ao mundo futuro, em que o econômico esteja a serviço do homem, a política é o caminho, assim como a educação; mas uma política sem partidos, exercício da liberdade; mas uma escola que não cultive a ferocidade e a competição; escola nova, "de visionários, de anarquistas e de loucos" (id.), que integre trabalho e jogo, sonho e ação, "porque vamos desembocar num mundo em que não haverá profissões (...) vamos ter muitos tempos livres (...)" (... e não haverá mais profissões), e é preciso desenvolvermos a possibilidade, a capacidade de criar. A liberdade é a nota dominante do futuro: liberdade da imaginação, abolição de prisões e códigos, a existência material gratuita, o cumprir-se segundo o sonho (*Nota sobre a cultura portuguesa*).

A consciência da crise é também muito nítida: a falência econômica, a quebra do sistema econômico atual pode levar muito tempo, durar muito tempo (*O mar acabou no dia 24 de abril*). Durante a crise, há um modelo a ser seguido: "São Bento, que um dia disse: — *Esta coisa está mal (...) vou para algum lugar onde haja terra, na terra vou criar um bicho e uma couve (...)* — levou livros que eram manuscritos, foi com uns amigos e todos entreteram-se a copiar livros. O resto do tempo passavam-no cantando, recitando, rezando (...)" (id.).

Perante a crise, não devemos nos deixar levar pelo medo, pela angústia; há esperança de saída; construí-la é a tarefa dos povos de expressão portuguesa. A saída supõe, não uma revolução exterior, uma guerra, mas a metanóia, a revolução pessoal, da qual no Oriente e Ocidente temos exemplos: São Paulo, São Francisco, Buda, Ramakrishna, o Islão (*Carta Vária XI*), São Bento (*Carta Vária XVIII*). Tal mudança interior implica em assumirmos nosso destino, responsabilizarmo-nos por nossa tarefa: a de superar as contradições, a de englobar paradoxos, a de unir Oriente e Ocidente (*Carta Vária XIII*).

Analogamente à construção da Europa, sobre as ruínas do Império Romano, à volta das abadias, Agostinho propõe, nos seus escritos, a construção da unidade do mundo a partir de Centros de Cultura. Reconhece, numa antecipação genial (*Carta Vária VII*, de 1986), a formação de blocos culturais e

geográficos, econômico-políticos, inteiramente novos. Destes, os povos de línguas ibéricas constituem o mais expressivo: na Europa, na América Latina, na Unidade Africana, no Oriente, estão representados (*Carta Vária VII*).

Vivemos uma ruptura semelhante à da queda do Império Romano, invadido pelos bárbaros: "... há um Segundo Império Romano, com o hemisfério norte como a área mais desenvolvida no aspecto econômico e técnico (...) em torno, e dentro — os tais 'desempregados' — uns bilhões de homens que o invadirão, muito destruirão, provavelmente, e levarão a cabo um novo caldeamento (...). Podemos ver já sinais de tal com tanto latino-americano e oriental na América do Norte ou tanto africano na Europa (...). Creio que as Penínsulas Ibéricas, a do Mediterrâneo-Atlântico e a do Atlântico-Pacífico vão ser as duas grandes portas de entrada desses novos e bem-vindos bárbaros (...)" (*Carta Viária XLI*).

Vivemos o fim de um mundo; mas o fim de um mundo "é apenas o princípio de outro" (*Carta Vária XVIII*); temos um futuro ecumênico, ao qual chegaremos, de qualquer forma.

É em *Quinze Princípios Portugueses*; em *Carta Viária XLIX, XLV, XXXVIII*, em *George Bryan Mallard*, que Agostinho une o Portugal metafórico ao Portugal histórico e geográfico. Os *Princípios* assinalam a *busca* da totalidade, que deve inspirar o caminho; a *exigência* de disciplina e amor, a *obediência* à nossa alma; a *resistência* às tentações do consumo; o *serviço* a todos os homens. Nesse escrito, o autor mostra que o futuro supõe "a cooperativização dos meios de produção, crédito e transporte", uma atuação marcante das universidades, visando a reformulação da educação e a construção de pontes culturais a partir da língua portuguesa: "é urgente unir as universidades dos países de língua portuguesa".

Se Portugal é de um lado o Porto, a Barca d'Alva, de outro é o Portugal grande que Agostinho quer vivo: aquele que é formado "pela República Democrática de São Tomé e Príncipe, pela República Federativa do Brasil, pela República Popular de Angola, pela República Popular da Guiné-Bissau, pela República Popular de Moçambique e pela República Portuguesa, sem que de modo algum se esqueça o enclave de Macau até 99, o Timor (...) as lembranças de Goa ou (...) de Málaca (...) um Portugal que seja, todo ele, com inteira autonomia de cada divisão jurídica, uma coletividade nacional" (*Carta Vária XLIX*).

O Portugal grande tem cinco pontos-chave: no Atlântico Norte, no Atlântico Sul, Índico, Pacífico Norte e Pacífico Sul. E os lugares-chave são: "Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, a Ilha de Moçambique, Macau e Timor" (*Cadernos de Ermitão Associado - 1992/1*).

A renovação mundial envolve as tentativas de superar capitalismo e comunismo; três delas são especialmente significativas: a do Brasil, a da China, a das Filipinas (escrevia em 1987).

Para Agostinho, a mundialização supõe uma contribuição especialmente marcante do "Brasil, a Ocidente e China, a Oriente, como centros de renovação e alicerce para o futuro de muito que se refere à economia e à organização social, assim como [da] Península, a América Ibérica, a África e aquelas nações que bordejam o Índico [são] fonte de reabilitação humana para (...) a Euroamérica e (...) Japão"; cabe um papel significativo a Portugal quanto à organi-

zação “da vida no total e no subtotal...” (*Carta Vária XXXVIII; De Portugal e da Europa, e do Mundo*).

Como bom português, tal papel ordenador, Agostinho o cumpriu amplamente. Na sua opinião, “(...) temos de viver para o universo, ou seremos inúteis” (*Depoimento a Pinheranda Gomes, A Filosofia Portuguesa*). No Brasil, Agostinho fundou universidades, centros de cultura, semeando liberdade e criação. Seu agudo senso político-cultural o levou a estabelecer laços do Brasil com a África, a estimular as relações com a China e o Japão, a estabelecer o intercâmbio com países africanos e orientais. Assim, o português foi adotado no Senegal, por determinação de Senghor... (*Que cousa prende os portugueses?*).

O Brasil que se mostra nos textos de Agostinho é, de início, o país utópico, o lugar mítico onde se encontram eternidade e tempo; identificado com a Ilha dos Amores camoniana “ponto de encontro de todas as culturas (...)”, a Terra de Santa Cruz é lugar de realização do sonho do Quinto Império, do Império do Espírito Santo, terra de salvação (*Fantasia Portuguesa para Orquestra de História e de Futuro*).

Progressivamente, já em nosso país, nosso autor constrói uma teoria do Brasil. Seu ponto de partida é a tematização do espírito das navegações, entendido como o espírito de cristianização e de renovação da vida, que associou Fé e Império. Tentando expressar o paraíso no mundo concreto, os portugueses encontraram os índios, a nação Tupi, que também andava em busca da “terra sem males”.

Os portugueses, na nova terra, fundindo-se com a cultura indígena, tentavam instaurar um mundo, recomeçar a vida. A realização imediata do paraíso na terra, contudo, não ocorreu. E Agostinho vê como impedimentos o ciclo do açúcar, o ciclo do ouro, que inseriram o país na economia mundial; a rápida redução e eliminação dos indígenas; a “lei de Pombal banindo o uso do Tupi” (*Ensaio para uma teoria do Brasil*).

O potencial de instauração do novo persiste, contudo, no Brasil, pela capacidade de sonho, pelo repúdio à civilização urbana, que caracterizam o seu povo; o “mau funcionamento” do país é, para Agostinho, “um atestado de vitalidade” e a segurança de que o naufrágio da civilização européia não “o arrastará consigo (...)” (id.).

Identificando a crise de nosso tempo à crise da civilização européia, à crise do espírito, que transformou a ação em agitação e a contemplação em algo censurável, o pensador afirma que se “a Europa se suicidasse pela crise econômica ou pela guerra, uma China, uma Índia ou, no seu conjunto, uma África, poderiam guiar a humanidade pelos caminhos novos que se tornem necessários” (id.); uma vez que pouco ocidentalizadas, no que diz respeito à técnica e à cultura, sempre se opuseram à invasão européia, e guardam uma força espiritual que pode abrir a humanidade para o novo, para o universal. Para compreender isso, “bastaria apontar, com duas significações diferentes, o conjunto dos povos árabes e a área asiática das várias formas de budismo” (id.).

China e Índia já contribuíram efetivamente para a humanidade, mas enfrentam problemas econômicos graves; a África esbarra em problemas

semelhantes, acrescidos de nacionalismo agressivo, religião não renovada, luta racial. São reservatório espiritual, econômico, cultural, mas apresentam dificuldades para assumir um papel relevante imediato no mundo atual. Por sua vez, o Japão, a Austrália e a Indonésia ainda têm importância reduzida. Dois grandes blocos, dois grandes grupos de terra restam, no cenário internacional: os da América do Norte e da América do Sul. A seu ver, “é da América do Sul que a humanidade poderá esperar as indicações de novos horizontes” (id.), porque aí houve, como nunca na Europa, a fusão de etnias, a fusão de culturas.

Excluindo a Argentina e o Uruguai, porque “se europeizaram demais” e não parecem, por isso, capazes de grande inovação; o Paraguai e a Bolívia, cujas limitações econômicas e sociais impedem de ter, imediatamente, um papel central; os centro-americanos, por não terem peso político-militar — Agostinho deixa ao México e ao Brasil o papel mais relevante para a construção de um novo mundo.

Assegurada a possibilidade de atuação significativa do Brasil, o pensador examina as dificuldades e alternativas do país: terá de desabrochar apoiando-se em sólidas bases econômicas e levar em conta tanto a sua contribuição à produção mundial quanto as necessidades internas (de facilitação das trocas, da modernização da agricultura, do reflorestamento, de evitar a excessiva concentração humana). Positivamente, deverá expressar “as suas capacidades de simpatia humana, de imaginação artística, de sincretismo religioso, de calma aceitação do destino, de inteligência psicológica, de ironia, de apetência de viver, de sentido da contemplação e do tempo (...) de união harmônica de uma vida urbanista e de uma vida rural” (id.).

No Brasil, arquitetura, pintura, poesia são campos de expressão da cultura mais criativa, anunciando um tempo “em que o sonho se estabelecerá no real” (id.). Movimento semelhante se percebe nas ciências, voltadas ao “poder e prever”, e não encerrando o saber apenas como “possibilidade de domínio”, mas como atividade de invenção.

Isso é patente na Física, na História Natural. A atividade filosófica, tal como a entendemos hoje, não lhe parece que “venha a ter uma grande importância” no Brasil; a filosofia aqui, a seu ver, floresce num certo tipo de pensar religioso, doutrina de salvação, visando que se atinja “um estado em que se apresente uma última realidade não dicotômica, na qual nos incluamos, ou ela nos inclua a nós” (id.).

Vendo o mundo contemporâneo como o do “triumfo sobre o ambiente físico” e como ameaçado pela possibilidade da morte do espírito, “se não surgir o povo ou grupo de povos que o salve, pondo um novo centro de vida, não na comodidade, mas na fantasia, não no pleno gozo, mas na recusa, recusa pelo desinteresse e não pela jactância de virtude. No fundo, trata-se de uma salvação pelas artes; mas os artistas terão de ser primeiro e basilarmente santos” (id.).

Vê essa salvação apoiada numa intuição religiosa, “movimento místico de massas” semelhante à “irrupção dos árabes no mundo antigo ou (...) a organização dos monges cavaleiros” (id.).

E, no Brasil, aponta estados do centro e do norte-nordeste, capazes de uma

reserva de sonho, de riqueza humana, que oferecem ao país a possibilidade de expressar-se e de cumprir seu papel.

O papel do Brasil, no mundo, é o de ser um caminho para a civilização do espírito. É a atuação de Agostinho, aqui, foi a de ajudar a construir tal caminho, através da fundação de centros de estudos, de universidades. O seu escrito sobre o significado da Universidade de Brasília é exemplar quanto ao assunto. Ligando a fundação da Universidade à expressão mítico-utópica do país, mostra que esta, pública, foi a “única a ter a audácia de incluir na sua composição um Instituto de Teologia, desligando-o (...) de qualquer religião estabelecida (...) [sendo] verdadeiro centro da Universidade, (...) lugar donde tem de partir toda a inspiração de trabalho e de organização (...)” (*Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília*). O Instituto de Teologia foi concebido por Agostinho como tendo por missão “pensar o fenômeno da criação científica ou artística (...) marcar como fim último do homem a sua plena absorção no Espírito, de trazer (...) as religiões da América, da África e da Ásia no que têm de ecumênico (...)” tornando-se, assim, “o centro do grande círculo — de liberdade, de fantasia e de alegria em que o País tem que inscrever o mundo” (id.).

Modelo da universidade do mundo futuro, a UnB é pretexto para que Agostinho proponha a sua concepção do que deve ser uma Universidade. Entendendo que todas as ciências são tentativas de expressarmos nosso desejo e saudade do Uno, do divino, que só existe verdadeiro conhecimento quando todo homem é sábio, filósofo ou artista — assinala, como modelos do homem de saber, “Platão, Leonardo ou Einstein” (id.).

O Brasil que emerge de seus textos será “ponto de encontro da Europa, África e Ásia (...) intermediário dos traços culturais (...) chamando, para que o ajudem na tarefa, as outras nações da América Latina (...) (*Ensaio para uma teoria do Brasil*).

Como pensador, Agostinho se inspira no mito, na utopia, na ucronia; mas não se detém aí; utiliza o mito, a utopia, a ucronia do reino do Espírito Santo, como plano de ação, regra de vida, valor-horizonte de seu pensar. Seu notável sentido ético-político, sua aguda percepção do momento presente, levaram-no a atuar, orientando irreversivelmente os centros de pesquisa e as universidades que fundou, em direção ao estabelecimento de laços entre os povos, em direção à tessitura de um mundo uno.

Para realizar o sonho da humanidade una, Agostinho reiteradamente idealizou a criação de centros de cultura. Assim, nos *Cadernos de Barca d’Alva*, propôs a Fundação Antonio Conselheiro, na qual a vida política-econômica seria inspirada no pensamento de Antonio Sérgio; a educação, por Irene Lisboa; a filosofia, por Sampaio Bruno. Em *Compostela*, refere-se aos vários cursos que deu em Portugal e no mundo, não apenas nas universidades, mas também cursos livres, pretendendo levar os alunos a discutir suas barreiras e a ficarem com “a idéia de que pertenciam a um grupo e que não quebrar a irmandade do grupo era mais importante que assegurar o triunfo de sua própria invenção neste ou naquele setor especial (...)”.

Os centros não foram apenas projetados ou sonhados. Agostinho tratou de instaurá-lo no mundo concreto, como bem o mostra no texto: *Bahia-coleção de folhetos*. Para o Brasil, “conhecer cientificamente outras culturas do mundo” não é apenas questão de erudição, mas preparação para assumir o seu papel de “ponto de encontro de Europa, de Ásia e de África, como já o é racial ou, pelo menos, antropológicamente” (id.).

Assim, criou o Centro de Estudos Afro-Orientais na Bahia; o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e o Centro de Estudos Clássicos, na UnB. Tais centros visavam organizar, em diferentes pontos do país (Santa Catarina, Paraíba, São Paulo) a promoção de edições críticas, bolsas, a constituição de bibliotecas.

Agostinho projetou centros de trabalho em Taragona, Creta, Agrigento, Catalunha; o Centro Brasileiro de Estudos Ibéricos, com sede possível na Galiza ou Catalunha; sugeriu a criação de Centros Brasileiros de Estudos Africanos, de Estudos do Oriente, de Estudos Semitas, de Estudos Indianos, de Estudos Europeus, de Estudos Indígenas.

O Centro de Estudos Africanos teria matriz em Adis Abeba, delegações em Mombaça, Vidá (Daomé) e Congo-Kinshasa; o Centro de Estudos do Oriente teria centros no Japão (Nagasaki) e na China (Macau ou Singapura); na Indonésia (Timor), na Malásia, em Málaca, sendo também desejáveis centros no Laos, Camboja, Tailândia e/ou Birmânia. O Centro de Estudos Semitas poderia ter postos de trabalho em “território israelita, em Bagdad ou Damasco, no Cairo, em Kairuão ou Tlemca, em Marrocos e em Nuakcht, já nas aproximações da África Negra” (id.).

O Centro de Estudos Indianos teria postos em Bombaim, Baçaim, Paquistão; o Centro Brasileiro de Estudos Europeus abrangeria “desde o extremo leste da Sibéria ao extremo oeste da América do Norte” (id.), e seu centro é Berlim, com extensões em Florença e Inglaterra, Polónia, Holanda, Romênia (id.).

No Brasil assim tornado pólo do reino do Espírito, o diálogo com o Oriente é fundamental. A China tem um papel importante no mundo atual: o de impedir a mundialização da economia sob um capitalismo socializante “com todas as aparências de liberdade política (...) e de liberdade econômica (...) e de liberdade cultural” (*Ecúmena*). Caberá ao Brasil suceder à China, no futuro, reunindo contemplação e ação.

Tal Brasil é o que leva os homens à Ilha dos Amores, ao mítico paraíso onde “todos os deuses se juntam ou se desvanecem num só deus” (id.).

Para a realização desse projeto, Agostinho afirma como instrumento os povos de expressão portuguesa, espalhados por todo o mundo (*Proposição*), assinalando que “naquele miraculoso Brasil”, tais valores teriam “apoio de sólida terra, não apenas pastoreio de nuvens” (*Fantasia portuguesa para Orquestra de História e de Futuro*).

Brasil e China são parceiros imediatos do diálogo que unifica Oriente e Ocidente, abrindo o caminho para uma nova época.